

# Rebuliços sonoros, crianças e ideias de música: reflexões sobre uma oficina de música<sup>1</sup>

## Comunicação

*Giulliana Cunha Bueno Audrá*  
*Universidade do Estado de Santa Catarina*  
*juaudra@uol.com.br*

*Lucas Fontalva Oliveira*  
*Universidade do Estado de Santa Catarina*  
*lucasfontalva13@gmail.com*

*Viviane Beineke*  
*Universidade do Estado de Santa Catarina*  
*viviane.beineke@udesc.br*

**Resumo:** Esta comunicação reflete sobre as ideias de música de crianças elaboradas no decorrer de um processo de composição musical colaborativa. O trabalho foi desenvolvido em uma oficina de música para crianças, oferecida enquanto projeto de extensão junto ao Curso de Licenciatura em Música da UDESC. A composição foi elaborada com base na narrativa e nas imagens do livro “A guerra dos Mares e das areias - uma fábula sobre as marés” (SANTOS; VELUDO, 2013). A história conta que, quando a terra estava ainda num certo rebuliço, os mares e as areias viviam em guerra, pois não se aceitavam: um era barulhento demais e o outro silencioso demais. A partir dessa história, as crianças foram sendo incentivadas a musicalizar ideias e sonoridades, construindo relações entre sons, imagens e cenas. O trabalho fundamentou-se no ensino e na aprendizagem musical criativa (BEINEKE, 2019; BURNARD, 2016), concentrando-se nas ideias de música das crianças, evidenciadas em suas práticas musicais e nas reflexões desencadeadas a partir delas. A escuta das ideias de música das crianças revelou alguns dos critérios que elas estavam utilizando para tomar decisões no processo criativo e para avaliar suas práticas musicais, constantemente questionadas e revisadas pelas próprias crianças, acionando a aprendizagem criativa, que transforma, atualiza e amplia suas ideias de música. Além disso, a escuta das ideias de música das crianças permitiu que se criasse um ambiente colaborativo, em que a (con)vivência e o respeito favoreceram a qualidade das relações intersubjetivas de aprendizagem estabelecidas na sala de aula.

**Palavras-chave:** Educação musical. Aprendizagem criativa. Oficina de música para crianças.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

## Prelúdio

Nesta comunicação pretendemos, através das lentes do campo teórico da criatividade em aulas de música, refletir sobre as ideias de música das crianças no processo de construção de uma composição colaborativa que ocorreu nas Oficinas de Música para crianças do Programa de Extensão MUSE – Música e Educação, vinculado ao Curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto tem como objetivo valorizar o fazer musical das crianças em práticas coletivas e atividades criativas, proporcionando diferentes modalidades de prática musical – composição, apreciação e execução, envolvendo o canto e a execução de uma variedade de instrumentos musicais, bem como, gravações e reflexões críticas das crianças sobre esses processos<sup>2</sup>.

Durante essa prática criativa, sustentamos a possibilidade de considerar *as ideias de música das crianças* no processo de construção da aprendizagem musical. Nos interessa investigar sobre a natureza das relações que emergiram durante esse processo e como podemos, enquanto professores, assumir posições de mediadores e motivadores do ensino e da aprendizagem musical criativa. Para esta comunicação, selecionamos dois momentos das Oficinas que julgamos importantes para essa reflexão, uma vez que traziam falas das crianças que demonstravam suas ideias frente ao fazer musical e frente às relações que foram sendo construídas durante o processo criativo.

## Rebuliços sonoros na sala de aula

*“A terra ainda estava num grande rebuliço”. A professora pergunta: “O que vocês acham que poderia ser um rebuliço sonoro?”. A aluna Miriam toca na flauta doce uma sonoridade caótica com todos os dedos se mexendo aleatoriamente criando uma textura sonora onde não se identifica melodia ou ritmo. Todos concordam que aquilo parece um rebuliço sonoro. A professora então sugere que todos prestem bastante atenção no gesto dos dedos de Miriam e que tentem reproduzir o mesmo em seus instrumentos. O resultado foi uma textura sonora suave baseada em um emaranhado de notas aleatórias. (Cena de sala de aula).*

---

<sup>2</sup> O Programa está em funcionamento desde 2011 e era coordenado pela profa. Dra. Viviane Beineke. Para maior detalhamento, ver [www.materialdidatico.wixsite.com/oficinas](http://www.materialdidatico.wixsite.com/oficinas).

A cena acima ocorreu durante as oficinas de música oferecidas para a comunidade no segundo semestre de 2019, período a que se refere este relato. O trabalho foi desenvolvido com um grupo de 09 crianças, com idades entre 9 e 11 anos. Foi desenvolvido um projeto de criação de uma composição coletiva tendo como suporte o livro de Pedro Veludo e Murilo Silva intitulado “Da Guerra dos Mares e das Areias-fábula sobre as marés” (2013), editora Quatro Cantos. O livro narra a história, em forma de fábula, de como surgiram as marés. A história começa dizendo que quando a terra estava ainda num certo rebuliço, todos estavam muito confusos e tentavam se organizar. Aos poucos, foram todos encontrando seus lugares: montanhas, rios, lagos, árvores e vales. Todos, menos os mares e as areias que viviam em guerra, pois não se aceitavam. Um era barulhento demais e o outro silencioso demais. Quem consegue resolver esta querela é o búzio rosado, que propõe à lua regular os tempos em que os mares recuariam, dando espaço ao silêncio das areias e quando avançariam trazendo todos os seus sons. Todos aceitaram a proposta, e assim “até hoje, é a lua quem regula as marés”.

A escolha da professora em trabalhar com uma história que tenha como um dos temas principais os mares e as areias, deve-se ao fato de que estes elementos se encontram presentes no dia a dia de quem vive em Florianópolis, visto que é uma região com diversas praias e dunas ao redor. Mesmo que algumas/uns alunas/os não vão sempre às praias, o processo de vínculo com a história de vida de cada uma/um pode se fortalecer nesse cenário, atrelado a uma abordagem criativa que valoriza o trabalho composicional das crianças. Que morador de Florianópolis já não se deparou com a maré cheia em dia de lua? A maré invade as ruas e estradas enquanto a lua brilha alta no céu. O mar, em dias de ventania, se transforma ficando revoltado e “invade tudo com seus sons” (VELUDO; SILVA, 2013). Já nos dias de calmaria, na maré baixa, as praias ganham terreno abrindo espaço para o misterioso silêncio das areias, silêncio que reverbera seu eco nas áridas paisagens das dunas de Florianópolis.

A ideia era que, através de um processo criativo-musical, pudéssemos oferecer a possibilidade de musicalizar ideias e sonoridades, construindo relações entre sons, imagens e cenas. O som do mar pode significar o mar, mas pode também, se posto em relação ao silêncio das areias, significar um conflito. Aos alunos eram oferecidas oportunidades para

que atuassem na resolução dos problemas (conflitos), dando opiniões, trazendo experiências vividas e experiências presentes que se davam no coletivo, na interação com os colegas.

## Ideias de música na aprendizagem criativa

*Que mar é este? Muito barulhento? Revolto? Parado? Ondas enormes?  
Ondas pequenas, suaves?  
- O som do mar não é o tempo todo igual, perto da praia tem um tipo de som pois as ondas se quebram fazendo muito barulho, mas quando atravessamos a arrebentação o som é mais suave. Então quando vamos representar o som do mar podemos fazer sons fracos e fortes.”.  
(Observação da aluna Yasmin a respeito dos sons do mar).*

Pesquisas em educação musical vêm discutindo a importância de considerar as perspectivas e significados das atividades musicais segundo as próprias crianças (BARRET, 2001; BRITO, 2007; BURNARD, 2006; CAMPBELL, 2006; GLOVER, 2000; MARSH, 2008), que apresentam critérios e compreensões que muitas vezes não correspondem aos critérios dos adultos. Quando falamos em criatividade musical, temos que refletir sobre como ela é construída, isto é, onde, com quem e como ela acontece (BURNARD, 2006, p.353). Por exemplo, se voltamos o olhar para a criatividade musical das crianças, sob o ponto de vista do professor teremos um determinado entendimento, e sob o ponto de vista dos familiares ainda outro, enquanto as crianças, entre elas mesmas poderão julgar ainda de outra forma. Isso quer dizer que a criatividade não existe por ela mesma, mas sim como uma construção sociocultural que pode se manifestar de diferentes maneiras, ganhando diferentes significados, dependendo do contexto em que ela ocorre.

Nessa perspectiva, este trabalho busca refletir sobre a possibilidade de considerar as *ideias de música* das crianças a partir de atividades criativo-musicais baseadas na proposta de construção de uma composição colaborativa. O termo “ideias de música das crianças” é entendido aqui como proposto por Beineke (2019), com base no modelo sistêmico de criatividade proposto por Csikszentmihalyi (2007). Se atendo à ideia de que a criatividade acontece dentro de um sistema de relações, Beineke traz os três elementos base do modelo sistêmico de criatividade da teoria de Csikszentmihalyi para analisar as práticas criativas em sala de aula. São eles: o *domínio*, que está relacionado a área do conhecimento, ou seja, a música, a matemática, a filosofia, ao cinema, etc.; a *pessoa*, que é o indivíduo

criador; e o *campo*, que é a comunidade de especialistas e os observadores que têm familiaridade com o domínio.

*As ideias de música* das crianças, nesse contexto, referem-se ao fazer musical, às concepções sobre música que as crianças têm, e neste sentido está relacionada ao *domínio* das crianças na área de música. O *campo* se refere a este grupo de pessoas que se encontram envolvidos na resolução de problemas que aparecem dentro de uma sala de aula, incluindo o professor e as crianças. Já a dimensão individual trazida por Csikszentmihalyi é entendida em sua dimensão coletiva, considerando o contexto colaborativo da sala de aula (BEINEKE, 2019).

Cada criança terá suas ideias de música relacionadas a um grupo, que está relacionado a uma determinada sociedade, que está relacionada a um ambiente. *As ideias de música* se transformam, alterando o seu modo de fazer música e a sua concepção sobre o fazer musical. Quando as ideias de música das crianças são confrontadas, conflitos aparecem. Na tentativa de resolução desses conflitos, ideias emergem e o grupo de pessoas que ocupa a sala de aula vai construindo critérios para sustentar suas decisões musicais. No processo de estabelecer o conjunto de regras, o *domínio* vai se transformando, em uma relação dinâmica entre o *campo* e o *coletivo* da sala de aula. O domínio está relacionado à infância, às sonoridades e musicalidades que ocorrem neste contexto. Nesse processo, é importante o papel de professoras e professores, acompanhando processos de tomada de decisão visando expandir as oportunidades das crianças de se expressarem em um contexto musical criativo (BURNARD; MURPHY, 2013).

O estudo teve como suporte a prática reflexiva estimulada entre alunos e professores, entre alunos e alunos e entre professor e estagiários, buscando uma análise sobre as atividades desenvolvidas, a fim de ensejar um ensino de música que valorize o criativo e o coletivo através de interesses comuns, afinidades e mecanismos de compromisso e solidariedade (WENGER, 1998), visando não somente entender a interação entre as crianças, mas também enxergar e reconhecer o quanto são importantes nossas interações para o desenvolvimento das crianças (CRAFT; PAIGE-SMITH, 2010).

## As aulas e seus registros

*Como são os sons das areias? O que podemos escutar quando fazemos silêncio? Quais sons podem sugerir o silêncio? E se estivermos no deserto, ou nas dunas de Florianópolis? Fizemos alguns minutos de silêncio para escutar os sons ao redor... (Cena de sala de aula).*

O trabalho em sala de aula foi desenvolvido por Giulliana Audrá, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC, sob coordenação da professora Viviane Beineke. A equipe foi composta também por três bolsistas de extensão<sup>3</sup>, que participaram contribuindo com o processo de ensino, acompanhando o trabalho das crianças e também registrando as aulas, através de anotações, filmagens e gravações de áudio. Esses registros nos permitiram revisitar o trabalho para a escrita desta comunicação. As oficinas de música aconteceram em uma sala no Departamento de Música da UDESC, espaço equipado com instrumentos de percussão variados, xilofones, metalofones e dois pianos, bem como estrutura para apreciação de vídeos e áudios. Foram realizados 19 encontros, entre os meses de agosto e dezembro, com periodicidade de uma aula por semana e duração de uma hora e quinze minutos, no período da tarde.

Além dos elementos sonoro-musicais, elementos visuais também foram incorporados às atividades, como imagens impressas do livro e representações gráficas feitas pelas crianças. As imagens do livro são compostas por pequenos motivos, em espirais com variações de tamanhos, cores e formatos que, juntos, sugerem imagens de montanhas, árvores, lagos, ondas, areia, lua, concha, entre outros (figura 1). Esse material imagético, combinado com as ideias de representação gráfica dos sons sugerida pelas crianças, resultaram em esboços de partituras que foram incorporadas ao trabalho.

**Figura 1:** imagens do livro



Fonte: Da Guerra dos Mares e das Areias - Fábula sobre as marés (VELUDO; SILVA, 2013)

<sup>3</sup> Bolsistas: Felipe Ferro Schprejer, Leon Tiago Taveri e Lucas Fontalva Oliveira.

**Figura 2:** representação gráfica feita por uma das crianças



Foto de Lucas Fontalva

Para esta comunicação selecionamos dois momentos que podem sustentar as reflexões aqui propostas. Em um deles, refletimos sobre uma aula em que as crianças receberam a visita de estudantes do curso de Licenciatura em Música na Oficina. No outro, analisamos alguns comentários das crianças sobre a aula anterior, quando saímos da sala para ouvir os sons do entorno. Esses dois momentos foram selecionados porque trazem várias falas das crianças que nos permitem compreender melhor as suas ideias de música.

### **Mãos na massa: ouvindo as crianças**

A disciplina Didática da Música integra o currículo do Curso de Licenciatura em Música da UDESC e, como parte das atividades, no segundo semestre foi realizada uma visita à Oficina de Música do MUSE. Para essa atividade foi proposta uma inversão de papéis: as crianças iriam ensinar música aos licenciandos. Então, logo no começo do encontro, uma criança explicou aos convidados o trabalho que elas estavam desenvolvendo, dizendo: “Basicamente, a gente tá compondo uma música, baseado nesse livro”. A seguir, Beatriz explicou a história do livro:

Um dia, quando o mundo estava indo em um certo rebuliço, os mares, as areias, as florestas e sei lá mais o que... é... estava tudo surgindo... Daí, aos poucos, todo mundo foi se ajeitando, só que o mar e a areia não sabiam o seu lugar porque viviam em briga. Daí chegou a concha... e ela disse que a lua ia dizer quando que ia ser a vez da maré e quando que ia ser a vez da areia, daí todo mundo se ajeitou e até hoje funciona assim...

Depois de algumas explicações sobre a história, instrumentos musicais foram



distribuídos e as crianças demonstraram como começaria a composição, convidando a turma a participar. A primeira parte da música consistia no *Big Bang*, que as crianças explicam que é “o começo de tudo”. Essa ideia do *Big Bang* veio logo nos primeiros encontros e foi trazida pelo aluno Tomás, dizendo que o *Big Bang* veio antes mesmo de existirem planetas. Questionado pela professora sobre como seria o som do Big Bang, Tomás prontamente pegou uma baqueta e tocou bem forte a alfaia, deixando seu som reverberar, até que sumisse. A partir dessa ideia, foi desenvolvida atividade de regência, na qual, ao comando do maestro, todos tocariam seus instrumentos, deixando que suas ressonâncias formassem o universo.

Em um segundo momento, a aluna Julia propôs aos estudantes de Didática que uma mão dispararia um grupo de instrumentos e a outra, o outro grupo. Dessa maneira, o maestro coordenaria disparos sonoros, conforme sua vontade. A professora finalizou essa parte dizendo que o maestro poderia ainda escolher que instrumentos ele gostaria de disparar, era só apontar para eles antes de dar o sinal para que tocassem. Apontavam para os metalofones com a mão direita, e para as alfaias com a mão esquerda, para que já ficassem atentos ao seu sinal. Com um gesto brusco, a mão direita disparava os sons do metalofones que faziam um gesto rápido, do grave para o agudo, e em seguida disparavam os sons das alfaiais que abruptamente interrompiam os outros sons. Ou ainda, gostavam de juntar o som do piano (tocado com os braços para que ressoasse bastante) com as alfaias e o prato suspenso. Assim, iam brincando com os sons e consolidando a primeira parte da composição.

Depois veio o rebuliço: “a terra ainda estava num grande rebuliço”. Nessa parte, a professora perguntou aos alunos o que eles achavam que poderia ser um rebuliço sonoro. A aluna Miriam tocou na flauta doce uma sonoridade caótica, mexendo os dedos aleatoriamente, criando uma textura sonora sem melodia ou ritmo definidos. Todos concordaram que aquilo parecia um rebuliço sonoro. A professora então sugeriu que todos prestassem bastante atenção no gesto dos dedos de Miriam, e que tentassem reproduzir o mesmo em seus instrumentos. O resultado foi uma grande massa sonora de movimentos muito rápidos e não muita densa.

Até o dia do encontro com os estudantes de Didática, essas eram as partes



consolidadas da composição. A proposta, então, era que as crianças explicassem aos adultos como eram essas atividades e o que eles deveriam fazer. Beatriz logo tomou a frente para explicar o projeto. Elas tocaram para os acadêmicos e comentaram a seguir:

- É bem melhor quando tem poucos alunos...
- Cada vez é de um jeito diferente... (transcrição de uma conversa entre as crianças).

A primeira parte da composição acontecia sob a comando de uma/um regente que escolhia os instrumentos apontando-os antes de, sob um gesto brusco, disparar o gesto dos colegas que deveriam tocar todos juntos. A aluna Beatriz, que agora estava regendo, propôs aos dois xilofones tocar as "mesmas coisas", porém em tempos diferentes. Ao experimentar e ouvir como ficou, disse:

Não parece tão horrível, mas quando tem muita gente e elas fazem as mesmas coisas, fora do mesmo tempo, fica meio estranho... na outra vez deu certo porque todo mundo fez no mesmo tempo.

Depois da demonstração, todo mundo tocou no mesmo tempo. Ao final, a mesma aluna disse que "ficou bem legal".

Posteriormente, as crianças seguiram comentando sobre o que tinha acontecido naquela aula, expressando suas ideias de música quando refletiam sobre as atividades das Oficinas. Este momento aconteceu no dia que em que a professora não pôde estar presente e os estagiários levaram as crianças para fazer aula ao ar livre, no pomar da UDESC. Nas conversas sobre a composição que estava em construção, Camila e Beatriz fizeram comentários sobre música de qualidade e relacionaram esse assunto com a composição. Camila diz:

- Uma música (de qualidade) é uma música que as pessoas integram, porque basicamente... o que aconteceu (se referindo à parte do rebuliço sonoro da composição) foi que as pessoas estavam ali... num rebuliço gigante, fazendo um monte de coisa... e nem dava pra ouvir, por que eu tampei os meus ouvidos...

Depois dessa fala, Beatriz contrapõe o argumento usado por Camila:

- Mas a ideia era um rebuliço, por isso que parecia um!

E Camila contra-argumenta:

- É... mas o rebuliço podia ser... sei lá, um samba, alguma coisa que pelo menos desse para ouvir.  
- Uma coisa harmoniosa, um rebuliço harmonioso...

O diálogo estabelecido entre Camila e Beatriz nos instiga a pensar como podemos considerar as ideias de música das crianças e oferecer oportunidades para que elas possam refletir, argumentar, sustentar e transformar suas ideias. Segundo Teca Alencar de Brito é importante estimular o desenvolvimento de escutas atentas e criativas, não somente a audição de obras consolidadas, mas também a escuta e análise das próprias composições musicais (BRITO, 2019). No diálogo acima, as crianças estavam questionando a ideia de Beatriz, de que em alguns momentos não estava sendo feito música. Como podemos perceber no diálogo, as crianças estavam estabelecendo critérios para o que seria essa 'qualidade' musical. Esses critérios se baseiam nas ideias de música que elas trazem consigo, mas que ao mesmo tempo podem ser ampliadas através das práticas e das discussões em sala de aula.

Podemos, enquanto educadoras/es apresentar outras ideias de música e colaborar com a ampliação desse *domínio* da música, promovendo formas de engajamento e motivando-as a participarem desse processo de transformação. Isso significa abrir possibilidades para tomadas de decisões na resolução dos conflitos, processo que contribui para o desenvolvimento criativo-musical.

## Considerações finais

No decorrer das Oficinas, percebemos que as crianças foram se sentindo mais confiantes tanto nas relações com o grupo quanto frente ao fazer musical, o que lhes permitia sugerir mudanças em algumas atividades e expor suas reflexões sobre o fazer musical. Pudemos observar as crianças se expondo frente aos colegas e professores,

defendendo e questionando suas ideias de música e criando autonomia no julgamento do que poderia ou não ser considerado como música, e o que caberia ou não incluir na composição. Pudemos ainda observar que essas atitudes possibilitaram a consolidação de um *campo* em sala de aula, uma vez que as crianças foram estabelecendo critérios para avaliar o que elas consideravam como bom ou ruim, válido ou não válido. Assim, podemos dizer que as crianças foram construindo novas regras e parâmetros para o fazer musical, em processos de questionamento, afirmação e transformação de ideias de música, mobilizados na aprendizagem criativa.

É importante destacar que o uso de elementos extra musicais, como as imagens impressas do livro e as representações gráficas feitas pelas crianças, serviram de suporte visual para que o processo de sonorização fosse direcionado. Além disso, as interações entre pequenos grupos, as tomadas de decisões, o ouvir e o pensar, foram pontos importantes de desenvolvimento do projeto, preocupado não apenas com o resultado final musical, mas principalmente na (con)vivência, no respeito, na harmonia e na qualidade das relações intersubjetivas que se estabelecem na sala de aula.

## Referências

- BARRET, Margareth S. Constructing a view of children's meaning-making as notators: a case-study of a five-year-old's descriptions and explanations of invented notations. *Research Studies in Music Education*. Tasmania: University of Tasmania, 2001. p. 33-45.
- BEINEKE, Viviane. Um olhar sistêmico para as práticas criativas na educação musical. In: ARAÚJO, Rosane Cardoso de (Org.). *Educação musical: criatividade e motivação*. Curitiba: Appris, 2019. P. 53-90.
- BRITO, Maria Teresa Alencar de. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BRITO, Maria Teresa Alencar de. *Um jogo chamado Música: escuta, experiência, criação, educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.
- BURNARD, Pamela. The individual and social worlds of children's musical creativity. In: MCPHERSON, Gary (Ed.). *The child as musician: a handbook of musical development*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 353-374.
- BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively: learning to teach in the primary school series*. London: Routledge, 2013.
- CAMPBELL, Patrícia Shehan. Global practices. In: MCPHERSON, Gary (Ed.). *The child as musician: a handbook of musical development*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 415-437.
- CRAFT, Anna; PAIGE-SMITH, Alice. *O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil*. Tradução de Maria Carmen Silveira Barbosa e Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly: Implications of a systems perspective for the study of Creativity. In: STERNBERG, Robert J. (Ed.). *Handbook of Creativity*. 10th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 313-335.
- GLOVER, Joanna. *Children composing 4-14*. London: Routledge Falmer, 2000.
- MARSH, Kathryn. *The musical playground: global tradition and change in children's songs and games*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- VELUDO, Pedro; SILVA, Murilo. *Da Guerra dos Mares e das Areias - Fábula sobre as marés*. São Paulo: Quatro Cantos, 2013.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.